

# MULHERES NA ÁREA NO PAÍS DO FUTEBOL: PERIGO DE GOL.

Jorge Dorfman Knijnik e Esdras Guerreiro Vasconcelos

## REFERÊNCIA:

KNIJNIK, J. D. & VASCONCELOS, E. G. Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol. In: **Mulher e Esporte** – mitos e verdades. SIMÕES, A. C. (org). Barueri, Manole, p.165-175.

# Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol

Jorge Dorfman Knijnik<sup>1</sup> e Esdras Guerreiro Vasconcelos<sup>2</sup>

*“Se o jogo fosse só a bola, está certo. Mas há o ser humano por trás. A bola é um reles, um ínfimo, um ridículo detalhe. O que procuramos no futebol é o drama, a tragédia, o horror, a compaixão” NELSON RODRIGUES.*

## 1. SONHO MEU

Imaginemos a seguinte cena (não é impossível, estamos num Fórum sobre Mulher e Esporte, vamos criar nossos mitos do futebol feminino...). Pois bem, imaginação a postos: Final da Copa do Mundo, ano zero. O Brasil está parado, todos grudados na TV, num horário matinal, mas no Japão já está quase na hora. A técnica Luiza Felippa, a popular Luizona, ainda não anunciou a escalação. Ronaldinha, a grande craque, sofreu uma fortíssima crise de asma na última noite, e é dúvida para a grande final contra as donas da casa (não confundir com *donas-de-casa*, por favor). As pressões para a escalação da grande craque são enormes. Patrocinadores, a torcida, a própria presidente da CBFF (confederação brasileira de futebol *feminino*) exige a presença de Ronaldinha. Enquanto isto, para minimizar o desgaste, desorientar as adversárias e, sobretudo para preservar a saúde da atleta, a técnica Luizona evita o assunto.

Mas a súmula desce para o gramado, e Ronaldinha não está entre as titulares. Quem foi colocada no lugar? Ela mesma, Carol, a sobrinha da auxiliar - técnica, que jogou só um tempo na Copa inteira! Os comentários são inevitáveis: ambas, técnica e auxiliar ( a Flavinha) são lésbicas, têm um “caso” , pois

---

<sup>1</sup> Faculdade de Educação Física da Universidade Mackenzie; Departamento de Esporte da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo

<sup>2</sup> Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

trabalham há vinte anos juntas... Elas adotaram a menina, olha o cabelo dela, horroroso, curtinho, a menina não joga nada, como vai substituir Ronaldinha?

Mas o jogo começa. Rivalda lança Carol, que dribla a primeira adversária e já chuta com perigo contra a goleira japonesa, que defende no susto. As brasileiras pressionam o jogo todo. Os comentaristas se dividem: enquanto uns acham que esta pressão é fogo de palha, e que o Japão é muito superior, outros pedem que as nossas atletas joguem com uniformes de helanca, de uma peça só, grudados no corpo, para realçar as formas...Não jogamos nada, chegamos à final por acaso, mas somos o time mais bonito!

E, de repente, o inesperado acontece: Roberta faz uma tabela com Alemoa, cruza para a área, Rivalda cabeceia na trave e, no rebote, Carol faz o gol brasileiro. Festa, abraços (“como estas meninas se beijam para comemorar”, gritam os comentaristas... Será que ela é...?).

Chega de imaginação, já “forçamos” demais. E Ronaldinhas, quando fazem sucesso no Brasil, são símbolos sexuais efêmeros, que pousam nuas nas revistas, ancoradas no nome do namorado famoso.

Mas este sonho só nos mostra que, de fato, não conhecemos o futebol feminino no Brasil. Futebol “feminino” na verdade é um erro, pois só há um futebol, jogado pelos diferentes gêneros, onze atletas contra onze, e este esporte as mulheres brasileiras jogam e muito bem: nas últimas Olimpíadas (Sidney/2000) chegaram em 4º lugar, fazendo a semifinal com as campeãs; nos últimos mundiais, estamos sempre entre as melhores. E quem conhece as nossas melhores jogadoras, as verdadeiras ídolos entre as futebolistas brasileiras, as nossas “Ronaldinhas” (ops, estas todos conhecem, mas não do futebol...)?

Ou seja, temos resultados, estamos na elite do futebol feminino – é forçoso usar o adjetivo “feminino”, uma vez que o nome *futebol*, sem outras qualidades, certamente indica o esporte para os homens - mas será que vamos bem?

## 2. COISAS NOSSAS, FUTEBOL E DEMOCRACIA.

Conforme diz o refrão musical, o samba, a prontidão e a cachaça, “são nossas coisas, são coisas nossas”. O futebol também está classificado entre os ícones da cultura brasileira. Identificado como parte integrante do “ser nacional”, eterno mobilizador de paixões, a qualificação do Brasil como “país do futebol” não deixa sombra de dúvidas. O futebol é nosso, é cosa nostra!

A modalidade acabou sendo inclusive aclamada e proclamada por sociólogos, historiadores e antropólogos como um fator que ajudou a população brasileira a praticar e compreender a democracia. O sociólogo José Carlos Bruni, na apresentação do *Dossiê Futebol* lançado pela Revista USP, coloca:

*“Seria o futebol o primeiro espaço simbólico de realização efetiva da democracia entre nós? Ao se basear num conjunto de regras válidas obrigatoriamente para as partes em disputa e ao propor uma alternância pacífica entre vitoriosos e perdedores, não estaria o futebol dando cotidianamente aulas práticas de democracia?”* (BRUNI, 1994: 09).

Já o antropólogo Roberto Damatta, ao discorrer sobre os primórdios do futebol no Brasil, e comentando como um fenômeno que reúne ao mesmo tempo características de jogo, esporte, ritual e espetáculo, conseguiu penetrar no seio de uma sociedade ainda marcada por uma rígida hierarquia e por um grande ranço escravocrata, enaltece o caráter democrático do futebol:

*“Foi preciso que essa sociedade vincada por valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no **primeiro professor de democracia e de***

*igualdade* [grifo nosso]. *Pois não foi através de nosso Parlamento que o povo aprendeu a respeitar as leis esse evento onde o vitorioso não tem o direito de ser um ditador, e o perdedor, vale repetir, não deve ser humilhado*” (DAMATTA, 1994:12).

Porém, estes estudiosos, ao lembrarem a “aula” democrática dada pelo futebol, esquecem que esta democracia, como veremos, não é para todos. Ou melhor, se a democracia, incipiente no país, tem no futebol uma poderosa alavanca, não se pode falar o mesmo do futebol em si. Historicamente, nas décadas de 1920/30, o futebol vai incorporando operários e mesmo a população negra. O historiador Nicolau Sevcenko nota que um dos caminhos tomados pelo futebol no Brasil, trazido por trabalhadores ingleses, foi o de aglutinar “(...) trabalhadores das estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas (...)” (SEVCENKO, 1994:36). O antropólogo Jose Sergio Leite Lopes nota a presença de negros inclusive no escrete nacional:

*“Dois outros jogadores negros tornam-se famosos na crônica esportiva internacional e no Brasil depois de uma outra competição internacional, a da Copa Rio Branco disputada em 1932 entre Brasil e Uruguai: Domingos da Guia e Leônidas da Silva, um zagueiro e um centroavante que contribuíram para a vitória brasileira em Montevideu por dois gols a um (...) contra os campeões do mundo dois anos atrás. (...). Em 1932, Mário Filho saúda na sua coluna do jornal **O Globo** a vitória da seleção nacional, pela primeira vez cheia de jogadores pretos e mestiços., sobre os campeões do mundo. “ (LOPES, 1994:71).*

No entanto, e as mulheres? As mulheres, que em 1933 elegeram a sua primeira representante no parlamento, a paulista Carlota Pereira de Queirós, não participavam deste jogo, melhor, deste esporte “democrático e democratizador?”.

Não, a elas era vedada a presença na maioria dos esportes, sobretudo no futebol, considerado demasiadamente viril e inadequado à biologia feminina: “(...) segundo as crenças sociais, o futebol é um esporte que exige resistência viril e músculos fortes, que sem dúvida, demonstram um estereótipo atribuído ao jogador de futebol” (REIS & VOTRE, 1996:46).

José Sebastião Witter coloca que a partir do momento em que o futebol começou a fazer parte do cotidiano dos negros e classes populares, a presença feminina ficou inibida neste meio. “Filhas de boa família não devem se misturar com jogadores de futebol” (WITTER, 1990: 58). Ao analisar a história do futebol no Rio de Janeiro, José Geraldo Salles e outros colocam que:

*“Havia então uma ordem implícita inibidora da presença da mulher neste espaço, ditando códigos excludentes para o sexo feminino. Assim, houve um movimento de afastamento da mulher torcedora dos estádios, não devendo inclusive se misturar aos jogadores”.* (SALLES, SILVA & COSTA, 1996:80).

Realmente, no “espetáculo democrático”, na “lição de democracia” que tem o futebol como “primeiro professor”, não são todos que participam. Às mulheres não fazem parte desta ‘democracia’, elas encontram dificuldades até em assistir, que dirá de jogarem a modalidade.

Claro que há mulheres se organizando e praticando o futebol. SALLES, SILVA & COSTA (1996), documentam a existência de diversas equipes femininas praticando futebol nas praias do Rio de Janeiro nas décadas de 1960/70. Porém, além desta prática ser vítima de um boicote – os autores relatam que a Confederação Brasileira de Futebol proibia os jogos femininos em estádios, só autorizando-os sob forma de “festivals” e não de “competições” -, a mesma, e suas praticantes conjuntamente, viviam sob a égide de uma proibição:

Isto mesmo, o Conselho Nacional de Desportos (CND) **proibia o futebol feminino** de ser jogado no Brasil, veto este que foi extinto, segundo PEREIRA (1984) apenas em 1979.

E na atualidade? Como se comporta a nossa sociedade em relação às mulheres que jogam futebol? O que ocorre com estas atletas, numa sociedade aberta e democrática como a nossa, em que muitos enxergam o futebol como um exemplo de democracia, praticado por todos, momento em que, na torcida, desconhecidos se aproximam, independente de diferenças de classe ou outras mais?

### **3. FUTEBOL FEMININO? SE FOR BONITINHA E JOVEM, BOLA PRÁ DENTRO!**

O título desta seção pode parecer um pouco chauvinista e de mau gosto. Mas foi exatamente o que ocorreu no futebol paulista, já no século XXI! Vejamos os fatos e seus desdobramentos.

Em meados de setembro de 2001, a Federação Paulista de Futebol (FPF), uma das maiores e mais poderosas entidades da modalidade no país, preocupada em dinamizar a modalidade na sua versão feminina, promoveu uma seleção de atletas, a fim de direcioná-las para os principais clubes de futebol do estado, retomando assim a “paulistana”, versão para mulheres do campeonato paulista de futebol.

A imprensa fez uma grande cobertura do evento. Um dos maiores jornais de São Paulo lançou matérias com a seguinte manchete: “*FPF institui jogadora-objeto no Paulista*”. E a reportagem colocava que, de acordo com os dirigentes da FPF, um dos principais objetivos no próximo campeonato paulista feminino era o ‘embelezamento’ das atletas, criando uma vitrine que, segundo o presidente da entidade, Eduardo José Farah, “una a imagem do futebol à feminilidade”.

E todo o processo de busca de atletas realizado pela federação estava calcado em realçar a necessidade da beleza das atletas: os cartazes e panfletos divulgando testes de seleção para os diversos times que disputaram o

campeonato, estampavam uma famosa modelo trajando uniformes esportivos e convocando moças entre 17 e 23 anos a participarem dos processos seletivos. A mensagem era bem clara: a campanha quer (e o campeonato vem tentando) mostrar que é possível jogar futebol e possuir características femininas. Aliás, os próprios dirigentes ressaltavam que “teremos um campeonato tecnicamente bom, e bonito”.

A necessidade da beleza da mulher atleta não é sem dúvida uma idéia nova no esporte para mulheres. Em 1949, uma cervejaria americana (a *ARIZONA BREWING COMPANY*, do Arizona), montou uma equipe feminina de softball (uma versão mais simples do beisebol), para disputar diversos campeonatos locais e nacionais, equipe esta que se transformou em uma de suas principais peças publicitárias. “Primeiro, analisamos o caráter; em segundo lugar, está o charme feminino, e por último, a sua habilidade em jogar softball”, declaravam os seus dirigentes<sup>3</sup>, à época, sobre a escolha das atletas.

Ou seja, como coloca KOLNES (1995), as mulheres, até os dias de hoje, ainda devem se submeter a padrões absolutamente desvinculados das suas necessidades atléticas, caso queiram se manter ativas dentro do esporte.

Afinal das contas, por quais motivos estas atletas precisam corresponder a ideais de beleza para integrar equipes de futebol? E quem julga estes padrões de beleza? Admire-se ou não o futebol do Rivaldo, goste-se ou não do estilo de jogo do Juninho Paulista, ambos atletas de nossa seleção nacional masculina, será que os nossos técnicos pensam em ‘embelezar’ a equipe brasileira ao convocá-los? Ou pensam em melhorar técnica e taticamente a equipe, em torná-la cada vez mais competitiva? A resposta é absolutamente óbvia, e toda a imprensa, torcida, dirigentes e comentaristas, querem sempre que os melhores atletas, independente de seu ‘sex appeal’, estejam em campo.

Porém, na versão feminina não é isto que ocorre. As atletas, antes de tudo, precisam ter o seu ‘visual’ aprovado. E se, além disto, jogarem bem, aí sim estão-desculpem-nos o trocadilho - com a bola toda! Estes mesmos dirigentes, a mesma

---

<sup>3</sup> Jerry McLain, artigo publicado no periódico *ARIZONA HIGHWAYS*, Agosto de 1949



imprensa que, quando se refere aos homens, querem que os melhores estejam em campo, no caso das mulheres farão tudo para favorecer àquelas que correspondam as suas preferências estéticas. Elas aparecerão na mídia, serão chamadas para entrevistas – e esta visibilidade, muitas vezes sem relação com as qualidades técnicas da atleta, atrairá novos patrocinadores, favorecendo assim carreiras esportivas – se é que podemos chamar esta ascensão profissional de “esportiva”.

Estes acontecimentos, aliás, demonstram o quanto a questão do gênero é central na reflexão sobre o esporte brasileiro. O gênero acaba sendo uma categoria conceitual crucial para entendermos a história deste esporte, e o seu momento atual. Ou, como quer Jeffrey Weeks:

*“O gênero não é uma simples categoria analítica, ele é (...) uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado”.*(WEEKS, 1999:56).

Neste caso do futebol ficou absolutamente claro o que era desejável e aceitável, e quais dirigentes impunham isto.

#### **4. MULHERES NO ESPORTE-SAINDO DA ARMADILHA.**

O esporte para mulheres parece se manter, historicamente, preso a armadilhas. Nos primórdios do movimento olímpico, às mulheres era vedada a participação, cabendo-lhes apenas a entrega dos louros aos vencedores. Com a evolução feminina na sociedade, a participação da mulher no esporte de rendimento na atualidade é um fato inexorável; porém, as atletas, por estarem envoltas nestes ideais de beleza que percorrem o imaginário social, por tentarem se encaixar a todo custo nos padrões exigidos por uma sociedade que insiste em priorizar outros quesitos que não aqueles indispensáveis para o rendimento

esportivo, parecem se sacrificar ao máximo para cumprir com estas exigências...Quem acompanha o esporte há mais de dez anos pode se lembrar de Flo-Jo, a velocista americana que supervalorizava os seus atributos femininos, colocando enormes unhas e cílios postiços para competir...

O que se percebe é que, se há algum tempo os preconceitos versavam sobre a fragilidade e a incapacidade do corpo feminino em praticar diversas modalidades esportivas, atualmente há uma grande dificuldade em lidar com o próprio corpo atlético da mulher, o qual nem sempre pode, ou quer, corresponder a padrões de beleza determinados por terceiros. EMERY (1994) levanta que a crescente erotização dos uniformes esportivos, apesar de pretensamente aumentar o público dos esportes femininos, na verdade presta um desserviço às atletas, pois faz com que estas sejam reconhecidas mais pelos seus dotes físicos do que pelas suas proezas atléticas.

Quantas atletas ficaram de fora desta seleção do campeonato paulista, por não cumprirem os “critérios” dos dirigentes? A principal jogadora brasileira de futebol, a Sissi, que atualmente atua no Estados Unidos, não jogaria neste campeonato, pois possui os cabelos raspados, e segundo o regulamento da competição, “com cabelo raspado não entra”. E volta a pergunta: nosso centroavante Ronaldinho, ou o ala Roberto Carlos, teriam que deixar os cabelos crescerem para jogar na seleção do Brasil?

KNIJNIK & SIMÕES (2000), em extensa pesquisa realizada com atletas de handebol sobre sua imagem corporal, perceberam que as mesmas desejam ter um corpo forte, musculoso, serem altas, enfim, possuírem qualidades atléticas que lhes assegurem boas condições de disputa. Porém, ao mesmo tempo, em outro momento da pesquisa, elas relatam seus sonhos: ter músculos pequenos, não chamar a atenção pela altura, ter rostos e corpos frágeis...Enfim, possuir uma imagem que, para elas, corresponda ao ideal feminino que a nossa sociedade almeja.

Estas contradições na imagem corporal da esportista são marcantes no imaginário das atletas modernas, e inclusive demonstram o quanto a batalha pela

inclusão total da mulher no esporte de competição permanece viva na atualidade. Ou, como quer Jeffrey Weeks:

*“Ainda que a dominação masculina permaneça uma característica central da sociedade moderna, é importante lembrar que as mulheres tem sido ativas participantes na modelação de sua própria definição de necessidade. Além do feminismo, as práticas cotidianas da vida têm oferecido espaços para as mulheres determinarem suas próprias vidas”.*  
(WEEKS, 1999:58).

O esporte, por tudo o que mobiliza nas pessoas de paixões e interação social, também oferece uma oportunidade ímpar de uma prática cotidiana, nas quadras, pistas, ginásios e piscinas, que inclua esta luta e que garanta a presença da mulher neste meio esportivo com plenos direitos, sendo valorizada pelo seu desempenho e não desmerecida por comentários preconceituosos, processos seletivos absolutamente incoerentes e ofensivos a sua condição humana e atlética.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNI, J.C. Apresentação ao Dossiê Futebol. In: **Revista USP**, 22, 1994, p. 7-9.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. In: **Revista USP**, 22, 1994, p. 10-17.
- EMERY, Lynne - From Lowell Mills to the Halls of Fame: Industrial League Sport for Women. In: COSTA, M & GUTHRIE, S (ed). **Women and Sport: Interdisciplinary Perspectives**. Champaign, Human Kinetics, 1994, p.107 – 121.
- KNIJNIK, J.D.; SIMÕES, A.C. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. **Revista Paulista de Educação Física**, 14(2), julho/dezembro, 2000, p.196-213.

KOLNES, L.J. Heterosexuality as an organizing principle in women's sport. **International Review of Sociology of Sport**, v. 30, p.61-77, 1995.

LOPES, J.S.L. A vitória do futebol que incorporou a *pelada*. In: **Revista USP**, 22, 1994, p. 65-83.

PEREIRA, L.E. **Mulher e esporte**: um estudo sobre a influência dos agentes de socialização em atletas universitárias. São Paulo, 1984. 100p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo.

REIS, L. C. L.; VOTRE, S. J. A auto-representação de mulheres jogadoras de futebol do RJ. In: MOREIRA, Paulo Sergio et alli. Seminário de pesquisa em educação física, esporte e lazer. **Anais**, ano VI, Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1996.

SALLES, J.G.C. ;SILVA,M.C.P.; COSTA, M.M. A mulher e o futebol – significados históricos. In: VOTRE, S. (org). **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro, Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996, p. 79-94.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. In: **Revista USP**, 22, 1994, p. 30-37.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado**. Belo Horizonte, Autêntica, 1999, p. 37-82.

WITTER, J. S. **O que é futebol**. São Paulo, Brasiliense, 1990.